

Fabiano Eloy Atilio Batista
(Organizador)

A arte

e a

cultura

e a

formação humana

2

 **Atena**
Editora

Ano 2022

Fabiano Eloy Atílio Batista
(Organizador)

A arte

e a

cultura

e a

formação humana

2

 **Atena**
Editora

Ano 2022

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Bruno Oliveira

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



A arte e a cultura e a formação humana 2

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Fabiano Eloy Atílio Batista

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A786 A arte e a cultura e a formação humana 2 / Organizador
Fabiano Eloy Atílio Batista. – Ponta Grossa - PR: Atena,
2022.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-258-0171-1

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.711221104>

1. Arte. 2. Cultura. 3. Formação humana. I. Batista,
Fabiano Eloy Atílio (Organizador). II. Título.

CDD 701

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br



Atena
Editora
Ano 2022

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

“A arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo” (FISCHER, 1987, p. 20)¹.

Estimados leitores e leitoras;

É com enorme satisfação que apresentamos a vocês a coletânea **“A arte e a cultura e a formação humana”**, dividida em dois volumes, e que recebeu artigos nacionais e internacionais de autores e autoras de grande importância e renome nos estudos das Artes e das Culturas.

As discussões propostas ao longo dos 30 capítulos, que compõem esses dois volumes, estão distribuídas nas mais diversas abordagens no que tange aos aspectos ligados à Arte, à Cultura e à Diversidade Cultural, bem como discussões que fomentem a compreensão de aspectos ligados à sociedade e à formação humana.

Assim, a coletânea **“A arte e a cultura e a formação humana”** busca trazer uma interlocução atual, interdisciplinar, crítica e com alto rigor científico, a partir das seguintes temáticas: artes, música, cultura, sociedade, identidade, educação, narrativas e discursividades, dentre outras.

Os textos aqui reunidos entendem a “[...] arte como produto do embate homem/mundo, [considerando] que ela é vida. Por meio dela o homem interpreta sua própria natureza, construindo formas ao mesmo tempo em que se descobre, inventa, figura e conhece (BUORO, 2000, P. 25)².”

Nesse sentido, podemos lançar diversos olhares a partir de diferentes ângulos que expandem nosso pensamento crítico sobre o mundo e nossa relação com ele. As reflexões postas ao longo desses dois volumes oportunizam uma reflexão de novas formas de pensar e agir sobre o local e global, reconhecendo, por finalidade, a diversidade e a compreensão da mesma como um elemento de desconstrução das diversas desigualdades.

A coletânea **“A arte e a cultura e a formação humana”**, então, busca, em tempos de grande diversidade cultural, social e política, se configurar como uma bússola norteadora para as discussões acadêmicas nos campos das Artes e da Cultura.

Por fim, esperamos que os textos aqui expostos possam ampliar de forma positiva e crítica os olhares e as reflexões de todos os leitores e leitoras, favorecendo o surgimento de novas pesquisas e olhares sobre o universo das artes e da cultura para formação humana.

A todos e todas, esperamos que gostem e que tenham uma agradável leitura!

Fabiano Eloy Atilio Batista

1 FISCHER, Ernest. **A necessidade da arte**. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1987.

2 BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção**: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola. 4ª edição. São Paulo: Cortez, 2000.

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AS NARRATIVAS DA BÍBLIA HEBRAICA E OS ROTEIROS CINEMATOGRAFICOS:
CONVERGÊNCIAS LITERÁRIO-METODOLÓGICAS

Petterson Brey

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7112211041>

CAPÍTULO 2..... 13

CONCERTO ONLINE DE PIANO: HOMENAGEM A EDMUNDO VILLANI-CÔRTEZ

Alfeu Rodrigues de Araujo Filho

Andressa Rodrigues Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7112211042>

CAPÍTULO 3..... 17

ARCHIVOS HISTÓRICOS DOCUMENTALES; PATRIMONIO Y COMPETENCIA DEL
ÁMBITO ACADÉMICO UNIVERSITARIO

Miguel Ángel Cuevas Olascoaga

Jaime García Mendoza

Norma Angélica Juárez Salomo

Gerardo Gama Hernández

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7112211043>

CAPÍTULO 4..... 26

DANY LAFERREIÈRE UM PAÍS SEM CHAPÉU: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE DO
AUTOR, POR NARRATIVAS CULTURAIS, RELIGIOSAS E O VODU

Olguimar Angelica Cruz

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7112211044>

CAPÍTULO 5..... 33

DEL MONOCROMO AL BODEGÓN. LA NATURALEZA MUERTA DE LA IMAGEN
CONTEMPORÁNEA

Gonzalo José Rey Villaronga

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7112211045>

CAPÍTULO 6..... 39

EDUARDO MATOS Y *OS INTRUSOS*. ARQUEOLOGÍA, MEMORIA Y RECONSTRUCCIÓN
DESDE EL IMAGINARIO

Gonzalo José Rey Villaronga

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7112211046>

CAPÍTULO 7..... 45

EU FEZ E ELA FIZ: UM ESTUDO SOBRE A DÊIXIS DE PESSOA NO PORTUGUÊS DE
SIRICARI-PA

Walkíria Neiva Praça

Cristiane Torido Serra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7112211047>

CAPÍTULO 8..... 61

MENSAGENS DE LIBERDADE NA LITERATURA DURANTE A DITADURA MILITAR (1964-1985): O CASO DE “A BOLSA AMARELA”, DE LYGIA BOJUNGA

Walace Rodrigues

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7112211048>

CAPÍTULO 9..... 71

MULHERES NA MÚSICA DA AMAZÔNIA: PROJETO INSTITUCIONAL DE CONSERVAÇÃO E DIFUSÃO DE CANÇÕES DE AUTORIA FEMININA NO PARÁ, DA BELLE ÉPOQUE ATÉ A PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX

Dione Colares de Souza

Leonardo José Araujo Coelho de Souza

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7112211049>

CAPÍTULO 10..... 82

O TEXTO LITERÁRIO NO LIVRO DIDÁTICO: UMA RELAÇÃO DE MANOBRAS

Jussara Figueiredo Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.71122110410>

CAPÍTULO 11..... 91

OS EXCESSOS NO DIAGNÓSTICO PARA TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO COM HIPERATIVIDADE COMO NOVO DESAFIO NA TUTELA DA PERSONALIDADE

Rodrigo Salim Melo Cavalcante Forte

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.71122110411>

CAPÍTULO 12..... 105

PRODUÇÕES CIENTÍFICAS SOBRE A FLAUTA DOCE: UMA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

Lucas Nascimento Braga Silva

Cristina Rolim Wolffenbüttel

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.71122110412>

CAPÍTULO 13..... 116

RACHEL DE QUEIROZ: UMA ESCRITORA ALÉM DE SEU TEMPO

Lídia Carla Holanda Alcantara

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.71122110413>

CAPÍTULO 14..... 123

RACIAL AND TEXTUAL TRANSLATION IN THE NOVEL *IO, VENDITORE DI ELEFANTI*, BY PAP KHOUMA: *SIGNIFYIN(G)*, ESHU AND IDENTITY MOBILITY IN BLACK FICTION

José Endoença Martins

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.71122110414>

CAPÍTULO 15.....	139
ALIMENTAÇÃO, CULTURA E IDENTIDADE	
Véronique Durand	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.71122110415	
SOBRE O ORGANIZADOR.....	154
ÍNDICE REMISSIVO.....	155

MENSAGENS DE LIBERDADE NA LITERATURA DURANTE A DITADURA MILITAR (1964-1985): O CASO DE “A BOLSA AMARELA”, DE LYGIA BOJUNGA

Data de aceite: 01/04/2022

Wallace Rodrigues

<http://lattes.cnpq.br/5195497710570480>

<https://orcid.org/0000-0002-9082-5203>

RESUMO: Este artigo busca pensar sobre as mensagens de liberdade na Literatura Infantil e Infantojuvenil escrita por mulheres durante o período da ditadura militar brasileira de 1964 a 1985. Nossa pesquisa para este texto foi de caráter bibliográfico e nosso enfoque foi qualitativo. Tomamos como livro de estudo para este texto “A bolsa amarela”, de Lygia Bojunga, lançado em 1976, em meio à repressão e cesura artística do regime militar. Nossos resultados revelam que as mensagens de liberdade perpassam o livro estudado e a maior parte dos livros infantis e infantojuvenis escritos por escritoras renomadas durante tal período de ditadura, revelando o importante papel das intelectuais na luta por liberdades civis e individuais.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil e Infantojuvenil; Liberdade; Leitura Literária.

ABSTRACT: This paper seeks to think about the messages of freedom in Children’s and Youth Literature written by women during the period of the Brazilian military dictatorship from 1964 to 1985. Our research for this text was bibliographic and our focus was qualitative. We took as a study book for this text “A Bolsa Amarela”, by Lygia Bojunga, released in 1976, amid the repression and artistic caesura of the military regime. Our

results reveal that the messages of freedom permeate the book studied and most of the children’s and juvenile books written by renowned writers during this period of dictatorship, revealing the important role of intellectuals in the struggle for civil and individual freedoms.

KEYWORDS: Children’s and Youth Literature; Freedom; Literary Reading.

“Fui brigar a briga que eu tinha que brigar.
Pra mostrar que eu ainda posso ganhar.
Terrível.”
(BOJUNGA, 1997, p. 76).

INTRODUÇÃO

Este texto nasce a partir de nossos estudos para uma licença para capacitação (de 20 de novembro de 2021 a 18 de fevereiro de 2022) junto ao grupo de pesquisa “Literatura e Educação Literária”, coordenado pela professora doutora Ana Crélia Dias (UFRJ).

Nossa análise para este trabalho é qualitativa e baseada em uma bibliografia que dialoga com os temas aqui apresentados. Tomamos autores como Candido (2004), Dias (2019), Freire (1994), Zilberman (1985), entre outros, como suporte teórico para nossa reflexão.

Vale ressaltar que este artigo pode ser entendido como uma “continuação” de pensamentos do artigo intitulado “Por uma literatura nem tão infantil assim: literatura e

resistência”, de 2021 e publicado na Revista Humanidades & Inovação, da UNITINS. Tal artigo tomava como base o discurso de liberdade do livro “Gato pra cá, rato pra lá”, de Sylvia Orthof, de 1984, durante os fins da ditadura militar.

E foi nessa linha de busca e compreensão de mensagens de liberdade colocadas nos livros infantis e infantojuvenis de escritoras brasileiras que nasceram nossas inquietações também para este artigo. Buscamos focar aqui no livro “A bolsa amarela”, de Lygia Bojunga, lançado em 1976, publicado num período onde já se sentiam fortemente os efeitos do Ato Institucional número 5 (AI-5).

LITERATURA INFANTIL E INFANTOJUVENIL E DITADURA MILITAR

Vale ressaltar que nosso interesse pela Literatura Infantil nasce a partir das leituras que eu e meu filho fazemos à noite, antes de dormir, de livros voltados para as crianças da primeira infância (fase que vai do nascimento até os cinco anos e onze meses). Alguns livros são somente com imagens, outros combinam imagens e textos, outros ainda têm algo para o toque, para o cheiro etc, revelando as mais variadas possibilidades de leitura. Temos em torno de cinquenta livros infantis e infantojuvenis e em idiomas diferentes. Nossas leituras são compartilhadas e buscam despertar, desde cedo, o gosto pelos livros e pela leitura em nosso filho. Toda a noite escolhemos uns dois ou três livros para lermos juntos. Essa atividade é cobrada por nosso filho antes de dormir: - E o livro?

Começamos a compreender em alguns livros infantis que temos lido, de autoras que produziram durante a ditadura militar, uma certa narrativa voltada para anseios de liberdade. Começamos a perceber que essas mensagens de liberdade, de lutas por independências, pensares e ações são algo recorrente na Literatura Infantil e Infantojuvenil do período militar.

Neste caminho, pensamos que esse contato com os livros infantis e infantojuvenis que trazem uma visão mais humanista e libertadora de mundo pode ter influenciado positivamente as crianças que tiveram acesso a eles. Utilizamos aqui uma passagem de um conhecido texto de Regina Zilberman, de 1985, intitulado “Literatura Infantil para crianças que aprendem a ler”, que corrobora com o que estamos dizendo: o contato com os livros e as diversas formas de linguagens podem ser enriquecedores para as crianças:

A criança conhece o livro antes de saber lê-lo, da mesma maneira que descobre a linguagem antes de dominar seu uso. Os diferentes códigos – verbais, visuais, gráficos – se antecipam à criança, que os encontra como prontos, à espera de que os assimile paulatinamente ao longo do tempo (ZILBERMAN, 1985, p. 80).

Não podemos esquecer que o desejado contato com o livro e com a Literatura Infantil passa pela escrita da obra e por sua ilustração, sendo o diálogo entre essas linguagens (verbal e visual, entre outras linguagens) que pode ajudar a atrair as crianças para os possíveis e variados sentidos de uma obra literária. Um livro infantil deve sempre

ser pensado também como um objeto que oferece acesso a conhecimentos e sentimentos pela via das mais variadas linguagens que se combinam.

Foi a partir de compreender a importância do contato infantil com os livros e suas linguagens que nossa curiosidade intelectual nos levou a pensar sobre a Literatura Infantil e Infantojuvenil e suas possíveis mensagens de liberdade durante a ditadura militar. Entendemos o período da ditadura militar de 1964 a 1985 como um momento de “sublevação de liberdades”, para usarmos uma expressão de Paulo Freire (1994):

A herança brasileira é colonial, de natureza autoritária. E temos nessa herança a sublevação da liberdade. Mas temos também, ao longo da nossa história, as expressões de luta contra a repressão, os “Quilombos”. Vivemos no Brasil de um lado a repressão, de outro os quilombos. E eu vejo os quilombos como a expressão da ansiedade legítima de liberdade (FREIRE, 1994, p. 9, grifo nosso).

E tal momento histórico e político de ditadura reforçou as “sublevações de liberdade”, trazendo uma censura governamental sobre todas as produções artístico-culturais, principalmente a partir do Ato Institucional número 5 (AI-5), de 1968. Rodrigues (2012) diz-nos que:

Os efeitos do golpe militar na vida dos cidadãos não se fazem sentir bruscamente com a entrada dos militares no poder em 1964. Somente com a instauração do Ato Institucional número 5 (AI-5) de 13 de dezembro de 1968 é que um órgão de censura foi criado dentro do governo e os direitos civis dos cidadãos foram suspensos, plenos poderes foram concedidos ao presidente militar (tais como: fechar o Legislativo por tempo ilimitado, cassar mandatos, suspender direitos políticos, suspender a garantia do *habeas corpus* e efetuar prisões sem mandado judicial). A partir deste momento, os militares mostram seu lado mais autoritário e truculento. Durante este período tudo é proibido e os jovens estudantes politizados começam a mostrar a grande insatisfação com o regime militar. **A partir do AI-5 a classe artística começa intensificar os “ataques culturais” contra a ditadura. As obras de teatro, cinema, música, artes plásticas, entre outras, são divididas entre as que protestam contra o regime e as que apoiam o regime** (RODRIGUES, 2012, p. 101, grifo nosso).

As artes literárias também não escaparam do crivo da censura governamental, mas as obras de Literatura Infantil e Infantojuvenil publicadas durante o regime militar parecem não ter passado por um crivo tão pesado dos censores, como nos diz Dias (2019):

A literatura infantil produzida no referido período passou ao largo dos olhares da censura. **Se na década de 1970 do século 20 a censura manteve-se distante desse tipo de obra que ali se produzia, não podemos dizer o mesmo em relação aos tempos atuais.** Com grande parte da produção de livros ainda muito próxima de uma escrita prescritiva de valores e comportamentos dirigidos à infância, a literatura infantil tem sido alvo de cerceamentos graves quando se afasta — na leitura dos moralistas — daquelas que deveriam ser as diretrizes para a educação das crianças (DIAS, 2019, p. 1, grifo nosso).

Se no período militar as publicações para o público infantil e infantojuvenil eram deixadas de lado pelos censores, elas são, hoje em dia, alvo de grandes alardes moralistas,

como nos revelou Dias (2019). Livros como “A bolsa amarela” (1976), de Lygia Bojunga, ou “Meninos sem pátria” (1981), de Luiz Puntel, por exemplo, sofreram ataques recentes de conservadores e moralistas de plantão. Enquanto implicavam com a vontade de ser menino de Raquel, de “A bolsa amarela”, os revisionistas conservadores também se incomodavam com as experiências de exílio vividas por Marcos e sua família em “Meninos sem pátria”.

Sobre o livro “Meninos sem pátria”, Lugo Colina e Rodrigues (2021) informam:

Meninos sem pátria és una novela que busca acercar al lector la experiencia del exilio desde la perspectiva de la infancia, y Luiz Puntel elabora esta historia a partir del testimonio de Terezinha Râbello, esposa del periodista José Maria Rabelo, uno de tantos exiliados de la dictadura. No obstante, este autor se centra en la experiencia de la infancia, reconstruyendo las experiencias de los niños, en especial la de Marcos, mostrando así al lector el mundo a través de sus ojos, una estrategia discursiva que ofrece a los lectores de diferentes edades una perspectiva diferente de estos hechos, bastante verosímil y en sintonía con los acontecimientos que miles de niños debieron experimentar en ese periodo. (LUGO COLINA; RODRIGUES, 2021, p. 198).

Esta escolha de trabalhar com obras que são retomadas por revisionistas conservadores hoje em dia faz com que nossa pesquisa se lance à reflexão acerca da Literatura Infantil e Infantojuvenil do período militar com um olhar mais atento e faça deste trabalho uma discussão em torno de um objeto de debate atualíssimo.

Ainda, verificamos que na produção feminina de autoras conhecidas por produzirem para o público infantil e infantojuvenil durante o período militar, como Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Ruth Rocha, Lygia Bojunga, entre outras, há sempre uma ou mais mensagens de liberdade, de anti-opressão e de pensar livremente. Vemos na produção literária infantil e infantojuvenil feminina da época uma forte mensagem libertária de encorajamento e de luta por uma vida melhor.

Também, sendo tal período histórico pesquisado um longo momento de pesada censura artístico-cultural, vemos que podemos obter interessantes mensagens de liberdade nos livros de Literatura Infantil e Infantojuvenil desta época. Notamos que tais mensagens libertárias podem ser encontradas em tais livros, mas que poucas pesquisas estão voltadas para compreender os sentidos múltiplos das obras de Literatura Infantil e Infantojuvenil durante a ditadura militar. Tais mensagens de liberdade podem surgir de forma clara em produções de conhecidas autoras literárias da época e nos levam a pensar em uma “educação para a liberdade” a partir da leitura literária (compartilhada ou autônoma) infantil e infantojuvenil.

Obviamente, sabemos que as crianças pouco podiam fazer contra um regime autoritário, mas acreditamos que a Literatura Infantil e Infantojuvenil corroborou para os anseios de liberdade de muitos cidadãos da época (aqui tomamos as crianças também como cidadãos de direito), e isso, pensamos, pode ter ficado também inscrito nas mensagens das obras para o público infantil e infantojuvenil.

UM POUCO SOBRE A FORMAÇÃO DE CRIANÇAS LEITORAS

Vale ressaltar que tomamos aqui as crianças como cidadãos valorizados socialmente em sua formação para o mundo e para a vida em sociedade. Vemos que a tão falada “humanização” também deve ser um objetivo na educação dos pequenos, pois nesta humanização há mais que nos tornarmos “humanos” (seres de sensibilidade aguçada e de cognição engenhosa), mas há um caráter ético de estar no mundo e ser com o mundo, além da formação a partir do sensível. Candido (2204) mostra-nos, em sua perspectiva, o que é humanização:

Entendo aqui por humanização (já que tenho falado tanto nela) o processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, cultivo do humor. A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante (CANDIDO, 2004, p. 180).

Neste sentido, vemos que a Literatura Infantil e Infantojuvenil acaba por auxiliar a “formar” futuros leitores conscientes de que há os mais variados sentidos flutuantes em uma obra literária e que é possível ter várias sensibilizações a partir desta obra. Entendemos que não há mensagem fechada para um determinado texto, mas mensagens variadas a partir de determinados leitores. Daí ser um texto um objeto rico em sentidos cognitivos, afetivos e sensoriais.

Pensamos, ainda, que os estudantes com maior contato com a Literatura Infantil desde a tenra idade serão beneficiados no momento de aprender a ler quando inseridos no processo de escolarização, ainda mais se em contato com uma literatura mais humanista e libertária. Costa (2008) informa que:

Se, por um lado, a escolarização da Literatura Infantil rouba-lhe **o caráter contestador e libertário, próprio da literatura**, por outro **a escola mostra-se o ambiente de trabalho propício para o desenvolvimento de competências de leitura, que vão desde o texto mais simples (cartilhesco) até o mais complexo, o literário e o científico**. A presença da literatura entre as tarefas da escola produz um contínuo questionamento a respeito de estratégias para levar os alunos aos textos, sobre técnicas de leitura, diversidade dos textos escritos e desenvolvimento de estreitas relações de curiosidade, desempenho e satisfação no que se refere à literatura (COSTA, 20018, p. 15, grifo nosso).

Vemos que cabe à escola a introdução dos estudantes aos mundos dos mais variados sentidos despertados pela leitura literária, auxiliando-os a tirar o máximo de proveito dos textos literários a partir de aulas estruturadas e planejadas para tal fim. Neste mesmo caminho, Zilberman (1985) diz-nos que:

A alfabetização, como é concebida pela sociedade contemporânea, não pode dispensar a ação pedagógica, que se vale de um espaço característico, a sala de aula, e de um agente especialmente designado para esta tarefa,

o professor. **É a partir dos resultados do trabalho docente que a leitura se instala como vivência da criança**, como uma habilidade que ela pode controlar e desenvolver com o transcurso do tempo (ZILBERMAN, 1985, p. 80, grifo nosso).

Compreendemos a importância fundamental da escola no processo inicial de leitura, mas também frisamos a necessidade de ampliação dos repertórios linguísticos das crianças a partir de contatos com linguagens diversas já dentro de casa e desde tenra idade. As obras literárias infantis e juvenis podem abrir-se de maneira mais intensa quando os estudantes são bem orientados sobre suas mais variadas possibilidades cognitivas, sensoriais e afetivas.

Saindo da escola, sabemos que no Brasil a leitura na família (não só na escola) ainda é um “objetivo ideal” a ser alcançado e que estamos longe deste patamar de proximidade com o livro e as leituras, mas temos que lutar por ele e tentar buscar mais meios para conseguir democratizar o acesso aos livros e às leituras nos mais variados ambientes.

O CASO DE “A BOLSA AMARELA”, DE LYGIA BOJUNGA NUNES

Detemo-nos, agora, sobre a autora e o livro que nos serve de caso de estudo para este texto. Lygia Bojunga Nunes, nascida em Pelotas (RS), em 1932, é uma escritora e atriz brasileira, ganhadora de vários prêmios literários, entre eles: Prêmio Jabuti (1973 e 1993), Prêmio Hans Christian Andersen (1982), Prêmio Memorial Astrid Lindgren (2004) e Ordem do Mérito Cultural (2011), entre outros.

Alguns de seus muito conhecidos e traduzidos livros são: “Os colegas”, de 1972; “Angélica”, de 1975; “A casa da madrinha”, de 1978; “Corda bamba”, de 1979; “O sofá estampado”, de 1980; e “A bolsa amarela”, de 1976; entre tantos outros. Seus livros foram extremamente importantes para a criação de leitores infantis e infantojuvenis, principalmente durante o período da ditadura militar no Brasil (1964-1985). Daí nossa escolha pela análise das mensagens de liberdade em seu livro “A bolsa amarela”, de 1976.

Sua literatura extasia-nos pela grande liberdade da imaginação, buscando a resolução de conflitos infantis os mais variados e das maneiras mais engenhosas possíveis, como no caso de “A bolsa amarela”. Neste livro, Raquel, a personagem principal, ainda criança, revela suas três vontades, que aumentam e diminuem de hora em hora e a busca por um lugar para escondê-las: “Faz tempo que eu tenho vontade de ser grande e de ser homem. Mas foi só no mês passado que a vontade de escrever deu pra crescer também” (BOJUNGA, 1997, p. 12).

Raquel acaba por ganhar uma bolsa amarela, que a tia Brunilda havia enviado para sua família e que seus parentes não quiseram. Nesta bolsa Raquel coloca objetos que encontra, desenhos, escritos e objetos imaginários, como dois galos, uma guarda-chuva (para ela a Guarda-chuva era do sexo feminino) e um alfinete de fralda. Ela conversa com o fecho da bolsa como se fossem colegas, nomeia os bolsos internos da bolsa amarela e

imagina o peso imenso da bolsa cheia de coisas. Todos os animais e objetos imaginados por Raquel podem falar.

A imaginação da personagem é algo que impressiona o leitor e o instiga a continuar lendo. A naturalidade da escrita de Lygia Bojunga, utilizando várias palavras e expressões da época e um jeito coloquial de falar, faz com que o livro se aproxime do leitor. Algumas dessas palavras e expressões já deixaram de ser utilizadas hoje em dia, mas não interferem na compreensão da narrativa.

Raquel tem problemas para compreender os papéis sociais de meninos e meninas, homens e mulheres, por isso sua vontade em ser menino, para poder fazer coisas com mais liberdade e sem a censura sobre as atividades em relação ao gênero feminino. Ela nos diz, a partir de uma conversa com seu irmão:

- Porque eu acho muito melhor ser homem do que mulher.

Ele me olhou bem sério. De repente riu:

- No duro?

- É sim. Vocês podem um monte de coisas que a gente não pode. Olha: lá na escola, quando a gente tem que escolher um chefe pras brincadeiras, ele sempre é um garoto. Que nem chefe de família: é sempre o homem também. Se eu quero jogar uma pelada, que é o tipo de jogo que eu gosto, todo mundo faz pouco de mim e diz que é coisa de homem; se eu quero soltar pipa, dizem logo a mesma coisa. (Idem, p. 16).

Mais para o fim do livro, Raquel compreende que é bom ser menina tanto quanto ser menino, compreendendo que é possível pensar diferente depois de conhecer a família de uma loja de consertos (a Casa dos Consertos): “E, por falar em curtição, puxa vida, como a mãe da Lorelai curtia ser mulher; e como a Lorelai curtia ser menina. Ela achava ser menina tão legal quanto ser garoto. Quem sabe era mesmo?” (Idem, p. 103). Ainda em: “Falaram que tanta coisa era coisa só pra garoto, que eu acabei até pensando que o jeito era nascer garoto. Mas agora eu sei que o jeito é outro.” (Idem, p. 110).

Vale dizer que Raquel vai à Casa dos Consertos para arrumar a Guarda-chuva que estava toda quebrada. A Guarda-chuva é consertada e o galo Afonso vai buscá-la na loja. A menina parece sempre buscar uma solução criativa para tudo, arrumando seu mundo imaginário de uma forma muito lúdica, mas sempre coerente.

A menina, em sua invenção, encontra um galo-de-briga chamado Terrível, primo do galo Afonso, que tinha o pensamento costurado e somente pensava em viver para brigar e ganha as brigas. Seus donos haviam aberto-lhe a cabeça e costurado seus pensamentos, assim entendia a menina. Ou seja, a menina tenta entender as ideias fixas e os pensamentos dos adultos, como que se costurassem os pensamentos para que só pensassem em uma coisa específica e esquecessem do resto.

Além do galo Terrível, Raquel tinha na sua bolsa o galo Afonso, um galo criado para tomar conta das galinhas do galinheiro. Mas ele não gostava dessa atividade. Ele

sonhava em lutar por um ideal, uma ideia. Ele dizia: “- Vou sair pelo mundo lutando para não deixarem costurar o pensamento de ninguém.” (Idem, p. 94). E em: “No caminho o Afonso falou: - Aposto que costuraram o pensamento daquele cachorro. Viu só quanta gente de pensamento costurado? Eu tenho mesmo que sair pelo mundo lutando pela minha ideia.” (Idem, p. 101). Essa necessidade de Afonso de lutar por uma ideia, por si só, já mostra-nos uma mensagem de liberdade no ar. Ele e a Guarda-chuva acabam por irem embora juntos, voando pelo mundo.

Afonso achava genial ter ideias, algo que a Guarda-chuva tinha:

- Tá vendo, Raquel? Não é à toa que eu gosto da Guarda-chuva: ela tem ideias. Sabe o que é que ela me disse? Que eu não preciso mais ter medo de voar alto. Ela vai junto comigo, e se eu caio, ela dá uma de pára-quedas; e se eu caio de novo, ela dá outra; e assim toda a vida. Ela falou que chegou a hora da gente sair pelo mundo lutando pela minha ideia, chegou a hora de começar a vida de pára-quedas! (Idem, p. 110).

Raquel sempre via a possibilidade de mudança e vislumbrava facilmente tais mudanças de vida. Afonso e a Guarda-chuva, amigos que se entendiam (somente Afonso entendia o que a Guarda-chuva falava), acabam por sair pelo mundo em busca de ajudar muita gente que tinha o pensamento costurado.

Ainda, a menina começou a entender a importância de ler, de estudar e de aprender à qualquer idade. Isso aconteceu a partir de seu contato com as pessoas da Casa dos Consertos:

- Teu avô tá estudando?
- Tá.
- Velho daquele jeito? (Era meio chato conversar com ela: só eu que cochichava; ela falava normal, todo mundo ouvia.)
- Ele só é velho por fora. O pensamento dele tá sempre novo.
- Por que?
- Porque ele está sempre estudando. Que nem meu pai e minha mãe.
- Eles também estudam?
- Aqui em casa a gente não vai parar de estudar.
- Toda a vida?
- Tem sempre coisa nova pra aprender. (Idem, p. 99).

Ou seja, aprende-se por toda a vida. Os pensamentos não envelhecem e a vida é um eterno estudar e aprender coisas novas, sempre se renovando, sempre trazendo ideias novas.

Por fim, a guarda-chuva vai embora com o galo Afonso e Terrível vai viver com um pescador, pois escapa de uma briga onde certamente perderia. O alfinete de fralda escolhe ficar com Raquel, pois se sentia aconchegado no bolso bebê da bolsa amarela. Os anseios de liberdade e de aconchego de suas personagens são acolhidos por Raquel sem

muitos questionamentos, buscando entender como funcionam os mecanismos da vida e respeitando as diferenças de desejos de todos.

Podemos citar outras obras literárias infantis e infantojuvenis escritas durante o período da ditadura militar no Brasil que trazem, também, mensagens de liberdade, talvez refletindo o espírito artístico da época de lutar contra a censura, lutar contra as amarras do pensamento crítico e criativo. São alguns exemplos: “Gato pra cá, rato pra lá”, de Sylvia Orthof, de 1984; “Bisa Bia, Bisa Bel”, de Ana Maria Machado, de 1981; “O reizinho mandão”, de Ruth Rocha, de 1973; entre tantos outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este escrito buscou lançar um olhar sobre a Literatura Infantil e Infantojuvenil como incentivadoras do hábito de ler, do aprender sem idade (como bem percebeu a personagem Raquel), além de revelar exemplos de publicações que mostravam os anseios de liberdade durante a ditadura militar (1964-1985).

Tomamos como exemplo de estudo para este artigo o livro “A bolsa amarela”, de 1976, escrito por Lygia Bojunga Nunes e que traz várias mensagens de liberdade: por meio do estudar, por meio do viajar, por meio do imaginar etc.

Percebemos que escritoras de Literatura Infantil e Infantojuvenil mais conhecidas do público brasileiro e que produziram muito durante o regime militar, como Ana Maria Machado, Sylvia Orthof, Ruth Rocha, Lygia Bojunga, entre outras, tinham um olhar especial sobre o feminino, as mulheres e as meninas, revelando não somente anseios de liberdade, mas também de liberdades identitárias femininas, numa busca por formar as crianças para o respeito às diversidades (também de gênero). Um exemplo claro disto é a personagem Raquel de Lygia Bojunga, pois ela buscava sempre pensar por ela mesma, sem ser mandada a todo tempo, sem obedecer cegamente aos adultos. Raquel tem uma posição crítica sobre o mundo e a traduz por meio da fantasia, da ludicidade e da invenção.

Lembramos que as produções literárias infantis e infantojuvenis passaram pela censura militar sem problemas, talvez porque os sensores não achavam importante deterem um atento olhar sobre o que as crianças iriam ler, pensando, conservadoramente, que criança não era um ser crítico do mundo em que vive.

Por fim, ficou-nos claro que as produções artísticas literárias infantis e infantojuvenis, no período da ditadura militar, escritas por mulheres, trazem claras mensagens de liberdade, de emancipação e de luta por pensar livre e criticamente.

REFERÊNCIAS

BOJUNGA, Lygia. **A bolsa amarela**. 30ª ed. Rio de Janeiro: Agir, 1997.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. IN: **Vários escritos**. 4ª ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Duas Cidades/Ouro sobre Azul, pág. 169-191, 2004.

COSTA, Marta Morais da. **Literatura Infantil**. Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

DIAS, Ana Crélia. Territórios em conflito. A literatura infantil tem sido alvo do conservadorismo nos tempos atuais. **Rascunho**. Ensaios e resenhas. Pág. 1-3, Ago. 2019. Disponível em: < <https://rascunho.com.br/ensaios-e-resenhas/territorios-em-conflito/> >. Acesso em: 07 Fev. 2022.

FREIRE, Paulo. Ensinar, Aprendendo. IN: **O Comunitário**. Publicação da Escola Comunitária de Campinas. Março de 1994, edição número 38, ano VI, pág. 5-9. Disponível em < <http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/3010> >. Acesso em: 07 Fev. 2022.

LUGO COLINA, María de Los Ángeles; RODRIGUES, Wallace. Reflexiones sobre el tema exilio en la literatura infantil y juvenil: el caso de Meninos sem pátria, de Luiz Puntel. **ANTARES: Letras e Humanidades**. UCS, v. 13, n. 29, 2021, pág. 181-202. Disponível em < <http://www.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/9610/4601> >. Acesso em: 08 Fev. 2022.

ORTHOFF, Sylvia. **Gato pra cá, rato pra lá**. Rio de Janeiro: Editora Ravelle, 2012.

RODRIGUES, Wallace. Arte de guerrilha no Brasil ditatorial: O caso das produções de Cildo Meireles e Hélio Oiticica pela via filosófica de Giorgio Agamben. **Palíndromo**. Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais – CEART/UDESC, n° 8, p. 99-114, 2012. Disponível em: < <https://www.periodicos.udesc.br/index.php/palindromo/article/view/3456/0> >. Acesso em: 07 Fev. 2022.

RODRIGUES, Wallace. Por uma literatura nem tão infantil assim: literatura e resistência. **Revista Humidades & Inovação**. UNITINS, Palmas, v.8, n. 33, 2021, pág. 60-68, Infância, Artes e Patrimônios Educativos II. Disponível em: < <https://revista.unitins.br/index.php/humanidadesinovacao/article/view/2089> > Acesso em:, 07 Fev. 2022.

ZILBERMAN, Regina. Literatura Infantil para crianças que aprendem a ler. **Caderno de Pesquisa**. São Paulo, n. 52, pág. 78-83, fev. 1985.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Análise narrativa 2, 3, 4, 6, 9

Archivos 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25

Arqueología social 39

Arte 1, 13, 14, 16, 23, 34, 35, 37, 39, 44, 70, 105, 108, 114, 145, 149, 151, 154

Autoria feminina 71, 72, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 80, 81

B

Bíblia 1, 2, 4, 5, 6, 7, 9, 10

Bodegón 33, 34, 35, 37, 38

Bruselas 39, 42

C

Canção 71, 72, 73, 77, 79, 81

Ciudad 19, 21, 23, 24, 36, 39, 40, 42, 43, 44

Comunidade 14, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 54, 55, 58, 59, 60, 121, 141

Crianças 30, 48, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 70, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 100, 102, 103, 107, 114, 141, 150

Cultura 1, 9, 13, 20, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 38, 50, 59, 60, 77, 80, 81, 87, 88, 89, 97, 108, 109, 112, 138, 139, 140, 141, 144, 145, 149, 151, 152, 154

D

Direito 64, 69, 91, 92, 97, 98, 99, 102, 103, 104

Documentos históricos 17, 19, 25

E

Estampilla postal 17, 24

Estudos culturais 71, 76, 154

Exegese bíblica 2, 9

F

Filatelia 17, 18, 22, 23, 25

G

Gênero 47, 67, 69, 71, 76, 77, 80, 120, 121, 139, 148, 154

I

Identidade 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 51, 52, 58, 72, 87, 99, 138, 139, 140, 144

Indústria cultural 82, 84, 86, 87, 88, 89

Infantojuvenil 61, 62, 63, 64, 65, 69

L

Leitura literária 61, 64, 65, 86

Liberdade 9, 32, 61, 62, 63, 64, 66, 67, 68, 69, 99

Línguas em contato 45, 49

Literatura 1, 2, 5, 6, 7, 8, 9, 26, 27, 32, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 69, 70, 85, 86, 87, 90, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 138

Literatura infantil 61, 62, 63, 64, 65, 69, 70, 119

Livro didático 82, 86, 87

M

Memoria 18, 19, 21, 25, 26, 27, 30, 32, 39, 40, 41, 43

Metilfenidato 91, 93, 96, 97, 100, 102, 103

Monocromo 33, 34, 36, 37, 38

Morfossintaxe 45, 53

Música erudita brasileira 13, 15, 16

N

Narrativas bíblicas 1, 2, 3, 4, 5, 7

Negación 33, 38, 39

P

Porto 34, 39, 40, 41, 49, 114, 115

Português afro-indígena 52, 53, 59, 60

Português Afro-Indígena 45, 46, 47, 52, 53, 58

R

Resistência 26, 31, 32, 62, 70, 102, 145

Ritalina 91, 96, 97, 100, 103

Roteiros cinematográficos 1, 2, 4, 5, 6, 7, 9, 10

S

Siricari-PA 45, 46, 47, 56

T

Tarjeta postal 17, 19, 25

TDAH 91, 93, 94, 95, 96, 97, 100, 101, 102, 104

Texto literário 82, 85, 86

V

Vodu 26, 30, 31, 32

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

A arte

e a

cultura

e a

formação humana

2

 **Atena**
Editora

Ano 2022

www.atenaeditora.com.br 

contato@atenaeditora.com.br 

[@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora) 

www.facebook.com/atenaeditora.com.br 

A arte

e a

cultura

e a

formação humana

2

 **Atena**
Editora

Ano 2022